

□ Tempo de leitura: 5 min.

A celebração anual da memória de todos os mortos coloca diante de nossos olhos uma realidade que ninguém pode negar: o fim de nossa vida terrena. Para muitos, falar sobre a morte parece uma coisa macabra, que deve ser evitada a todo custo. Mas não era assim para São João Bosco; durante toda a sua vida, ele cultivou o Exercício da Boa Morte, reservando o último dia do mês para esse fim. Quem sabe se não foi por isso que o Senhor o levou consigo no último dia de janeiro de 1888, encontrando-o preparado...

Jean Delumeau, na introdução de sua obra sobre o *Medo no Ocidente*, relata a angústia que sentiu aos doze anos de idade quando, como novo aluno de um internato salesiano, ouviu pela primeira vez as “sequências inquietantes” da ladainha da boa morte, seguidas de um *Pai Nosso* e de uma *Ave Maria* “por aquele entre nós que será o primeiro a morrer”. A partir dessa experiência, de seus medos antigos, de seus esforços difíceis para se acostumar com o medo, de suas meditações adolescentes sobre os objetivos finais, de sua paciente busca pessoal por serenidade e alegria na aceitação, o historiador francês elaborou um projeto de investigação historiográfica focado no papel da “culpabilização” e da “pastoral do medo” na história do Ocidente e desenhou a chave interpretativa “de um panorama histórico muito amplo”. Escreve ele: “Para a Igreja, o sofrimento e a aniquilação (temporária) do corpo são menos temíveis do que o pecado e o inferno. O homem não pode fazer nada contra a morte, mas – com a ajuda de Deus – é possível evitar o castigo eterno. A partir daquele momento, um novo tipo de medo – teológico – substituiu outro que era anterior, visceral e espontâneo: era um remédio heroico, mas ainda assim um remédio, pois introduzia uma saída onde não havia nada além do vazio; desse tipo foi a lição que os religiosos encarregados de minha educação tentaram me ensinar”^[1].

Também Umberto Eco recordava com irônica simpatia o exercício da boa morte que lhe foi proposto no Oratório de Nizza Monferrato:

“As religiões, os mitos e os rituais antigos tornavam a morte familiar para nós, embora sempre temível. Estávamos acostumados a aceitá-la por meio das grandes celebrações fúnebres, dos gritos dos sermões, das grandes missas de *Réquiem*. Os sermões sobre o inferno nos preparavam para a morte; mesmo durante minha infância, fui convidado a ler as páginas sobre a morte no *Jovem Instruído* de Dom Bosco, que não era apenas o padre alegre que fazia as crianças

brincarem, mas tinha uma imaginação visionária e flamejante. Ele nos lembrava que não sabemos onde a morte nos surpreenderá – se em nossa cama, no trabalho ou pelo caminho, pela ruptura de uma veia, um catarro, um fluxo de sangue, uma febre, uma ferida, um terremoto, um raio, «talvez assim que terminássemos de ler esta consideração». Naquele momento, sentiremos a cabeça obscurecida, os olhos doloridos, a língua ressequida, as mandíbulas fechadas, o peito oprimido, o sangue gelado, a carne consumida, o coração perfurado. Daí a necessidade de praticar o Exercício da Boa Morte [...]. Puro sadismo, pode-se dizer. Mas o que ensinamos aos nossos contemporâneos hoje? Que a morte se realiza longe de nós no hospital, que não costumamos mais seguir o caixão até o cemitério, que não vemos mais os mortos. [...] Assim, o desaparecimento da morte de nosso horizonte de experiência imediata nos deixará muito mais aterrorizados, quando o momento se aproximar, ao nos depararmos com esse evento que também nos pertence desde o nascimento – e com o qual o homem sábio chega a um acordo por toda a vida”^[2].

Nas casas salesianas, a prática mensal da boa morte, com a recitação das ladainhas incluídas por Dom Bosco no *Jovem Instruído*, permaneceu em uso de 1847 até o limiar do Concílio.^[3] Delumeau conta que toda vez que lia essas ladainhas para seus alunos no Collège de France, notava como eles ficavam surpresos: “É a prova”, escreve ele, “de uma rápida e profunda mudança de mentalidade de uma geração para a outra. Tendo envelhecido rapidamente depois de ter sido atual por tanto tempo, essa oração por uma boa morte se tornou um documento da história na medida em que reflete uma longa tradição de pedagogia religiosa”.^[4] O estudioso das mentalidades, de fato, nos ensina como os fenômenos históricos, para evitar anacronismos errôneos, devem sempre ser abordados em relação à sua coerência interna e com respeito à alteridade cultural, à qual toda representação mental coletiva, toda crença e prática cultural ou cultural das sociedades antigas devem ser rastreadas. Fora dessas estruturas antropológicas, desse conjunto de conhecimentos e valores, formas de pensar e sentir, hábitos e modelos de comportamento predominantes em um determinado contexto cultural, que moldam a mentalidade coletiva, é impossível realizar uma abordagem crítica correta.

Para nós, o relato de Delumeau é um documento de como o anacronismo não prejudica apenas o historiador. Até mesmo o pastor e o educador correm o risco de perpetuar práticas e fórmulas fora dos universos culturais e espirituais que as geraram: assim, além de parecerem no mínimo estranhas para as gerações mais jovens, elas podem até mesmo ser contraproducentes, tendo perdido o horizonte global de significado e o “equipamento mental e espiritual” que as tornavam

significativas. Esse foi o destino da oração da boa morte apresentada, por mais de um século, aos estudantes das obras salesianas de todo o mundo; depois – por volta de 1965 – completamente abandonada, sem nenhuma forma de substituição que salvaguardasse seus aspectos positivos. O abandono não se devia apenas à sua obsolescência. Era também um sintoma daquele processo em curso de eclipse da morte na cultura ocidental, uma espécie de “interdito” e “proibição” agora fortemente denunciado por estudiosos e pastores.^[5]

Nossa contribuição pretende investigar o significado e o valor educativo do exercício da boa morte na prática de Dom Bosco e das primeiras gerações salesianas, relacionando-o a uma fecunda tradição secular, e depois identificar sua peculiaridade espiritual por meio dos testemunhos narrativos deixados pelo Santo.

[*\(continua\)*](#)

^[1] Jean Delumeau. *La paura in Occidente* (secoli XIV-XVIII). *La città assediata*, Torino, SEI, 1979, 42-44.

^[2] Umberto Eco. “La bustina di Minerva: Dov’è andata la morte?”, em *L’Espresso*, 29 de novembro de 2012.

^[3] As “Preghiere per la buona morte” [*Orações para a boa morte*] ainda podem ser encontradas, com algumas variações substanciais, no Manual de Oração revisado para as instituições educativas salesianas na Itália, que substituía definitivamente o *Giovane Provveduto*, usado até então: Centro Compagnie Gioventù Salesiana, *In preghiera. Manuale di pietà ispirato al Giovane Provveduto di san Giovanni Bosco*, Torino, Opere Don Bosco, 1959, 360-362.

^[4] Delumeau. *La paura in Occidente*, 43.

^[5] Cf. Philippe Ariés. *Storia della morte in Occidente*, Milano, BUR, 2009; Jean-Marie R. Tillard, *La morte: enigma o mistero?* Magnano (BI), Edizioni Qiqajon, 1998.